

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Matogrossense de Letras)

Tratado de Madri

(Discurso)

Cuiabá
Revista da Academia Matogrossense de Letras
1950

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Tratado de Madri

(Palavras proferidas pelo desembargador José de Mesquita, presidente da Academia Matogrossense, na Sessão solene promovida pelas nossas Sociedades Culturais, na Casa Barão de Melgaço, a 13/1/1950)

Comemoramos, hoje, o segundo centenário do Tratado de Madri, assinado na capital espanhola entre os reis D. João V de Portugal e D. Fernando VI, de Castela, e que, conforme reza a sua própria introdução, se entendia “o mais próprio para se estabelecer uma sólida e durável harmonia entre as duas Coroas.”

Do seu alto sentido histórico disse, com sua autoridade de mestre, João Ribeiro, que o Tratado de Madri já assinalava «no seu todo e com pequenas e insignificantes diferenças, a configuração atual do Brasil», salientando o eminente Barão do Rio Branco “a impressão de boa fé, lealdade e grandeza de vistas que inspiraram esse ajuste”. Adiantando-se ao seu século, na frase de Southey, os dois soberanos ibéricos da era de setecentos traçam, sob a influencia do grande brasileiro Alexandre de Gusmão, as linhas mestras e a superestrutura de uma politica internacional avançada, ao reconhecer o principio jurídico do *uti possidetis* nas conquistas de descobrimentos de novas terras e a não menos importante norma pacifista que exclui as colônias das lutas em que se envolvem as metrópoles. Para Mato Grosso se reveste de excepcional significação esta efeméride que, graças à feliz iniciativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por seu Diretório regional, vimos tão expressivamente festejado. Coincide a firtatura desse notável documento com a instalação da Capitania criada em 1748, cuja administração assumia um ano depois o famoso fidalgo D. Antonio Rolim de Moura, fundador de Vila Bela da SS. Trindade, nossa primeira Capital.

Da importância que se atribuía à novel capitania “chave do sertão do Brasil”, com suas imensas fronteiras abertas, onde o gênio de Rolim e Luís de Albuquerque deveria entestar as arremetidas que, no dizer de Virgílio Correa Filho, incitavam os Vice-Reis do Peru, — dizem bem alto as instruções da Coroa, na execução do Tratado, bem como os tratados supletivos de 51 e 52. Sob o aspecto da nossa história religiosa, é contemporâneo o Tratado de Madri da criação da Prelazia de Cuiabá, feita em 1745, pela Bula *Candor Lucis aeternae*, e graças ainda a ação diplomática de Alexandre de Gusmão. Sob todas as modalidades em que o consideremos, representa, destarte, o memorável evento, um dos marcos da História colonial brasileira, em que o nosso Estado ocupa um papel de relevo. E ao comemorar-lhe o transcurso do 2º século, evoquemos as figuras desses grandes varões que avultam no cenário majestoso do nosso Passado, dos Capitães Generais legendários aos sábios e denodados demarcadores da Comissão de 1780, após os Tratado de S. Ildefonso, três dos quais — Ricardo Franco, Lacerda de Almeida e Silva Pontes são Patronos da nossa Academia, e na hora conturbada que vivemos, saibamos nos mostrar dignos de nossos Maiores, haurindo-lhes os ensinamentos condensados naquela frase extraída dos Livros Sagrados e tão oportuna para os nossos dias: *Pax et Justitia osculatae sunt* — impressa no marco fronteiroço do século XVIII. Somente pelo culto impertérito e sereno da Justiça, conseguiremos firmar a Paz verdadeira e construtiva, Paz que incentiva a Cultura, incrementa o trabalho e leva à prosperidade, tornando a vida realmente digna de ser vivida.

São esses os votos que, na realidade de Presidente da Academia Matogrossense, tenho o prazer de formular, ao declarar aberta a presente sessão.